

JOHN DEWEY E A SUA FILOSOFIA: UM OLHAR EM TORNO DA LINGUAGEM

[JOHN DEWEY AND HIS PHILOSOPHY: A LOOK AT LANGUAGE]

Miriam Barreto de Almeida Passos *
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

RESUMO: Este artigo tem como finalidade apresentar o filósofo John Dewey e seu olhar filosófico sobre a linguagem; promover debate sobre o tema e pensar outras produções, outros olhares em torno dos conceitos. Por certo, o assunto não se esgota e nem tem a pretensão de adentar exaustivamente cada conceito, mas tão-somente filosofar sobre linguagem deweyana a partir do referencial bibliográfico, de forma física e on-line, apoiada nas ideias do filósofo em questão, em autores que tratam da temática e discutem a filosofia do pensamento, da língua, da palavra, da linguagem humana.

PALAVRAS-CHAVE: John Dewey; Filosofia; Linguagem

ABSTRACT: This article aims to present the philosopher John Dewey and his philosophical view on language; promote debate on the topic and think about other productions, other perspectives around the concepts. Certainly, the subject is not exhausted and does not intend to exhaustively discuss each concept, but only to philosophize about Deweyan language based on the bibliographical reference, physically and online, supported by the ideas of the philosopher in question, in authors who deal with the topic and discuss the philosophy of thought, language, words, human language.

KEYWORDS: John Dewey; Philosophy; Language

PRÉÂMBULO TEXTUAL

Imagino-me hoje um pouco à maneira do antigo Grego, tal como o descreve Hegel: ele interrogava, com paixão, sem descanso, o rumor da folhagem, das nascentes, dos ventos, em suma, o frêmito da Natureza, para nela perceber o desenho da inteligência. E eu, é o frêmito do sentido que interrogo, ao escutar o rumor da linguagem – dessa linguagem que, homem moderno que sou, é a minha Natureza.

Roland Barthes (1987).

A linguagem abre portas dos textos filosóficos, é o frisson, o arrepio dos textos em geral, da criança, do jovem, do homem antigo, do homem moderno, a linguagem do artista, da música, do poeta. John Dewey (1859-1952) descreve a linguagem como processo

* *Doutoranda em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Campus São Leopoldo – RS. Bolsista do Selecionado: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: mirapassos@hotmail.com*

significativo, bem como os hábitos, a interação, o pensamento, a ação, a experiência, a democracia. Todas estas palavras exibem aspectos do pensamento do filósofo em discussão, que defendeu uma compreensão da linguagem como processo e ação; tomou como base as questões inovadoras; a psicologia, a biologia, a natureza e os aspectos temporais; que foram e são benéficos para o debate nos dias atuais. Mas quem foi John Dewey? Quais os elementos que o presente texto prioriza? De que maneira pensar a linguagem no século XXI a partir de John Dewey?

John Dewey foi um psicólogo, professor, pedagogo, filósofo Norte-Americano, que atuou de forma proeminente no século XX; um dos principais representantes da corrente pragmática depois de Charles Sanders Pierce e William James. Dewey escreveu sobre ética, política, democracia, psicologia, educação, lógica, porém é mais conhecido na área educacional, pois seu debate, suas escritas e suas pesquisas ofereceram uma profunda influência sobre a instituição educativa. O referido filósofo defendeu a experiência, a ação e o pensamento como, elementos que são influenciados pela linguagem, como aportes significativos para a comunicação do indivíduo, a interação, a partir da convivência significativa.

Dewey chegou ao entendimento de que o pensamento só é possível nos limites da linguagem. Por outro lado, mostrou o pensamento como atividade distinta da linguagem, mas que depende dela para a comunicação. Desse modo, esses elementos se articulam na concepção deweyana de linguagem (Souza, 2016, p. 14).

Para Dewey, o pensamento, a ação e a experiência giram em torno da linguagem, pois como afirma Souza,

[...] A linguagem entraria aqui na forma da experiência compartilhada, por isso mesmo ela tem uma dimensão social bastante arraigada. Falar ou dizer algo significa agir sobre o mundo. Isso se aproxima da teoria dos atos de fala de John Austin, ou seja, falar significa fazer coisas com as palavras. De modo simples, a linguagem é uma forma de ação e transformação do mundo. Uma dimensão mais complexa do pensamento de Dewey e está na articulação entre pensamento e linguagem. Pensar só é possível dentro dos limites das possibilidades da linguagem. Não é possível pensar fora da linguagem. Pensar é recorrer a símbolos e significados, que são, por sua vez, construções linguísticas (Souza, 2016, p. 15).

À vista disso, Lev Semenovitch Vygotsky (1896-1934) em suas pesquisas na Universidade de Moscou, mudou da abordagem artística, pois pretendia ser professor de literatura, para a psicologia evolutiva, educação e psicopatologia. Neste processo de mudança, Vygotsky (2019) afirmou que a linguagem e o pensamento têm origens diferentes. A linguagem não é intelectual e o pensamento não é verbal. Os caminhos de desenvolvimento da linguagem e do pensamento não são equivalentes – eles se cruzam. O ser humano aprende a linguagem para ação, para interagir, conviver, mas, segundo Vygotsky, a linguagem, a partir de certo ponto, penetra no subconsciente para se constituir na estrutura do

pensamento do indivíduo. Para ele, todas as atividades cognitivas básicas do indivíduo ocorrem de acordo com sua história social, assim sendo, o modo como o ser humano se desenvolve e a história pessoal são fatores cruciais que vão determinar a forma de pensar; portanto a linguagem tem papel imprescindível.

Para Dewey (2000) existe a dificuldade de obter e preservar o equilíbrio entre a natureza humana, os costumes e instituições sociais, bem como a influência dos hábitos, da linguagem, e das tendências culturais na diversificação das formas que estão sempre em jogo. Neste sentido, o pensamento e a linguagem exercem forças para uma predisposição de hábitos. Todos os hábitos são exigências de certos tipos de atividade e constituem a personalidade; formar nossos desejos efetivos fornecem capacidades ativas; eles regem nossos pensamentos, nossa linguagem, determinando quais devem emergir e fortalecer.

Logo, discutir a filosofia deweyana na perspectiva da linguagem é pensar nas experiências do sujeito, nas suas ações, nos seus hábitos, na cultura, no social, no “fazer coisas com as palavras” aprendidas, vividas, refletidas. No curso desta abordagem, importa destacar que, o presente escrito se divide em três seções. A primeira apresenta o *Preâmbulo textual*, a segunda; *Desdobrando o tema em questão*, descreve aspectos dos conceitos, tendo como suporte autores que discutem o assunto e, por fim, as *Considerações derradeiras* rematando o texto e buscando trazer os últimos argumentos sobre o tema em debate.

DESDOBRANDO O TEMA EM QUESTÃO

Dentre todas as realizações, a comunicação é a mais notável. Trata-se de um prodígio, diante do qual a transubstanciação se torna pálida, que as coisas passem a ser capazes de transferir-se do plano das impulsões externas para o do desvelamento para o homem, e assim para si próprias; que o resultado da comunicação possa ser a participação e o ato de compartilhar. Quando ocorre o comunicar-se, todos os eventos da natureza tornam-se sujeitos a reconsideração e a revisão; são readaptados para que enfrentem as exigências da conversação, quer seja esta o discurso público, quer seja o discurso prévio chamado pensamento.

John Dewey (1980).

A filosofia deweyana nos convida a pensar a linguagem e o procedimento comunicacional humano como processo, “diante do qual a transubstanciação se torna pálida, que as coisas passem a ser capazes de transferir-se do plano das impulsões externas para o do desvelamento para o homem” (*Ibidem*, 1980, p. 29) em que a mudança como experiência ocorre continuamente desde o nascimento do ser humano.

A interação da criatura viva com as condições que a rodeiam está implicada no próprio processo da vida. Sob condições de resistência e conflito, aspectos e elementos do eu e do mundo implicados nessa interação qualificam a experiência

com emoções e ideias, de maneira tal que emerge a interação consciente (Dewey, 1974, p. 247).

No que concerne a interação entre os humanos e seu processo de vida, Ludwig Joseph Johann Wittgenstein (1889-1951), filósofo austríaco, considera a linguagem como um jogo que assim descreve:

A ideia central que subjaz a essa comparação particular entre a linguagem e o jogo é, com efeito, a de fazer-nos ver, pelos jogos, os vários aspectos de nossa linguagem que muitas vezes nos são alheios. Os jogos são atividades públicas que pressupõem o uso de regras, reações comuns, habilidades, disposições, certas capacidades geradas pelo domínio de técnicas etc. Equiparada com eles, a linguagem é, dessa perspectiva, concebida como práxis, isto é, como uma atividade humana também guiada por regras, cuja efetivação pressupõe, igualmente, reações comuns, capacidades adquiridas por meio de treino, o domínio da técnica de sua aplicação (Júnior, 2017, p.73).

Ernst Tugendhat (2007) declara que o jogo de linguagem que Wittgenstein “descreve é aprendido por meio de “treinamento”, depreende-se claramente das partes ulteriores da Investigações que ele compreende como as regras normativas e os signos como convencionais” (p. 132).

Na perspectiva das regras e signos a apresentação dos *Escritos sobre mito e linguagem*, ensaio de Walter Benedix Schönflies Benjamin, Jeanne Marie Gagnebi (2013, p.10), tradutora de suas obras, destaca que:

[...] na estreita de uma longa tradição filosófica, oriunda em Platão, Benjamin postula em conjunto a questão da razão e da linguagem, citando com frequência as palavras de Hamann: “Linguagem, a mãe da razão e da revelação, seu alfa e ômega” [...] não há possibilidade para Benjamin de pensar a razão e a racionalidade humanas [...] que razão e história devem ser pensadas juntas, porque sua apreensão se faz através da linguagem e porque somente esta permite a invenção da história (humana) e de histórias (ficcionais ou não). Talvez o tema por excelência da filosofia e da crítica literária em Benjamin seja essa ligação entre história e linguagem.

Em acréscimo, do ponto de vista de Leite (2010, p. 11), no texto: *A Estrutura da Linguagem em Walter Benjamin*, “a linguagem, na sua acepção mais geral, acaba por se estender a todas as coisas que habitam o mundo, quer animadas ou inanimadas, pois a todos é necessário a comunicação do seu conteúdo [...] a linguagem estende-se ao mundo como um todo”. Neste sentido, o entendimento de Walter Benjamin (2018, s/p) no âmbito da linguagem em geral e humana é que:

Todas as manifestações da vida do espírito no ser humano podem ser entendidas como uma forma de linguagem, e esse entendimento abre em geral, como se fosse um verdadeiro método, para novos questionamentos. Pode falar-se de uma linguagem da música e da escultura, de uma linguagem da justiça, que não tem ligação direta com as línguas da justiça autoridades alemãs ou inglesas; pode falar-se de uma linguagem da técnica, que não é do jargão especializado dos técnicos. Linguagem significa, neste contexto, o princípio orientado para a comunicação de conteúdos específicos nos domínios relacionados: na técnica, na arte, na justiça ou religião. Numa palavra: toda comunicação de conteúdo espiritual é linguagem, sendo que a comunicação pela palavra é apenas um caso

particular, o da comunicação humana e aquilo que a fundamenta ou nela se baseia (a justiça, a poesia, etc.).

Para John Dewey a linguagem torna possível a experiência, a preparação do indivíduo para a vida social, contudo, a preparação se efetiva em uma comunidade democrática. Diante deste pressuposto, o indivíduo ao se relacionar adquire experiências mediante a comunicação entre os seres, pois a compreensão do mundo emerge da experiência vivenciada através da linguagem. “A experiência ocorre continuamente [...] As coisas são experienciadas” (Dewey, 1974, p. 247). Consequentemente, a linguagem se constrói a partir da interação, das experiências leitora, das experiências observadas, da escuta, das ações, das atitudes dos seres humanos.

A linguagem tem seu jogo, como afirma Wittgenstein, o “jogo de linguagem humano” que constitui o que Ludwig Wittgenstein chamou de forma de vida humana. E, desse ponto de vista, a linguagem não pode ser concebida como uma estrutura abstrata, separada e isolada em si mesma, mas deve ser considerada como uma prática que penetra e está indissolivelmente ligada a todas as atividades desenvolvidas e efetuadas pelos seres humanos.

Assim, segundo Júnior (2017, p. 75), “a consequência mais imediata dessa maneira de pensar é a de que não é possível entender o fenômeno linguístico sem nos atermos à participação ativa dos seres humanos em sua utilização e em suas constantes mudanças”. Neste sentido, podemos inferir que John Dewey, considerou as experiências humanas como um produto que dentro da atividade, da interação social a linguagem se entrecruza-entrecruzou com as ações humanos gerando, nesse caso específico, as práticas linguísticas.

Por certo, “o fenômeno linguístico assume diferentes finalidades no conjunto das atividades humanas”, assevera Júnior (2007, p. 76). O referido autor, acrescenta:

Tais funções são demonstradas pelos múltiplos e incontáveis jogos de linguagem, que podem ser diferenciados em diferentes níveis de complexidade e generalidade. “Dar ordens”, “descrever um objeto”, “cantar”, “praguejar”, “mentir”, “inventariar os usos que fazemos de determinadas palavras (como: “jogo”, “ler”, “dor)””, “fazer soluções” etc., são alguns exemplos das funções assumidas pelos jogos que constituem a linguagem. Assim concebido, tais jogos refere-se a atividades linguísticas específico, isto é, uns certos modos de aplicação e instrumentalização funcional da linguagem. Referem-se, assim, a qualquer um dos muitos e variados usos que fazemos dela e, por isso mesmo, trata de atividades linguísticas reais, diárias e praticadas pelos usuários da linguagem.

Com certeza, é pela linguagem que marcamos a presença no mundo, é através dela que nos relacionamos, criamos, expressamos, visualizamos, construímos as experiências no meio familiar, social, religioso, cultural.

Como afirma John Dewey (1980), os significados e as essências não são estados da mente, porque são tão independentes da sensação e

das imagens imediatas quanto as coisas físicas, e porque, não obstante, não são coisas físicas, assume-se que formam um tipo particular de coisa, chamado metafísico ou “lógico”, no sentido que separa a lógica da natureza. Mas há muitas outras coisas que não são nem existências físicas nem psíquicas, e que são comprovadamente dependentes da associação e da interação humanas, reforça Dewey. Tais coisas funcionam, segundo o filósofo, na liberação e na regulação do subsequente intercurso humano; sua essência é sua contribuição em tornar tal intercurso mais significativo e mais imediatamente gratificante. E, Dewey exemplifica:

Tome-se o tipo de coisa exemplificada na regulação do trânsito. O ruído de um apito é um evento particular existencial numericamente separado com sua própria espacial e temporal peculiar. Isto não pode ser dito da regra ou método de interação social cooperativa que é por ele manifestada e tornada efetiva. Um modo contínuo de ação organizada não é uma existência particular, e, portanto, não é uma existência física ou psíquica. Todavia, as consequências do uso do método de ajustar movimentos, de modo que eles não interfiram um com o outro, apresentam tanto um aspecto físico quanto um aspecto mental. Fisicamente, há modificação das mudanças e insatisfações que de outro modo não ocorreriam. Mas nenhum desses incidentes nem o conjunto de todos eles formam a essência ou o significado ulterior do som do apito; são qualificações de uma organização mais segura da atividade humana que, como uma consequência de uma ordem legal encarnada no som do apito, constitui sua significação (Dewey, 1980, p.47).

Por consequência a ideia de significação e sua concepção adquirem sentido quando o ser humano, em determinado contexto, faz uso de um instrumento representativo, envolvendo a interação entre os interlocutores. No que tange ao plano da língua, a significação está no plano da linguagem. Elas se manifestam em palavras, frases, expressões, na linguagem em seu uso, utilizando as diversas possibilidades que a língua nos oferece.

No que se refere as possibilidades ofertadas pela língua, a comunicação, do ponto de vista deweyano, é consumatória tanto quanto instrumental. É um meio de estabelecer cooperação, dominação e ordem. Para John Dewey, a linguagem compartilhada gera experiências que é o maior dos bens humanos. Na ótica do filósofo é na comunicação, que a situação e o contato, tais como característicos dos humanos, tornam-se símbolos da própria culminação da natureza, ou seja, a linguagem acende a natureza humana. O nível e estilo numa comunidade, segundo John Dewey, fornece objetos básicos de satisfação, contribuem mais que tudo para determinar a direção comum das ideias e esforço na comunidade. Fornecem os significados em função dos quais a vida é julgada, apreciada e criticada, afirma Dewey. Para quem está de fora é material que serve para uma avaliação crítica da vida do indivíduo, bem como da comunidade em que está inserido.

Nesta inserção, o instrumento precioso é a comunicação, pois ela liberta da “pressão de outro modo irresistível dos eventos e ao habilitar-nos para o viver num mundo de coisas que têm significado [...] um

compartilhar pelo qual os significados são ampliados, aprofundados e consolidados no sentido da participação” (ibidem, 1980, p. 51). Por certo, a linguagem, “por causa de sua instrumentalidade e finalidade características, a comunicação e seus objetos afins são objetos finalmente dignos de veneração, admiração e legítima apreciação” (ibidem, 1980, p. 51). Dewey também afirma que: “São valiosos enquanto meios, pois são os únicos meios que tornam a vida rica e variada em significados. São preciosos como fins, pois em tais fins o homem é libertado de seu isolamento imediato e participa numa comunhão de significados” (ibidem, 1980, p. 51).

John Dewey, também, afirma que:

[...] as funções instrumental e final da comunicação residem conjuntamente na experiência, passam a existir uma inteligência, que é o método e a recompensa da vida comum, e uma sociedade digna de afeição, admiração e lealdade (Dewey, 1980, p. 52).

Além disso, Dewey ao ler Malinowski, revela que o significado da coisa é feito de experiências de seus usos ativos e não de contemplação intelectual. Acrescenta que uma palavra significa para um nativo o uso adequado da coisa para a qual ela aponta, exatamente como um implemento significa algo quando ele pode ser manejado e não significa nada quando nenhuma experiência ativa se encontra ao alcance. Assim, a comunicação não é apenas um meio para fins comuns, mas é o senso de comunidade, participação atualizada. John Dewey assevera que nada mais importante para os filósofos darem ouvidos ao que foi escrito do que a conclusão, segundo Dewey, do Dr. Malinowski:

A linguagem quase não é influenciada pelo pensamento, mas o pensamento, pelo contrário, tendo de tomar emprestado da ação seu instrumento – que é a linguagem –, torna-se por ela grandemente influenciado (Dewey, 1980, p. 52).

Dewey, em nota, destaca que podemos dizer que as categorias gramaticais fundamentais, universais para todas as linguagens humanas, só podem ser entendidas com referência a pragmática cosmovisão do homem, através do uso da linguagem.

Na cosmovisão do homem, o uso da linguagem tem tido efeito histórico e sua influência tem ganhado passagem para novas possibilidades de uso. No artigo da pesquisadora Maria João Cantinho, da Universidade de Lisboa, que trata sobre A LINGUAGEM COMO PONTE DE PASSAGEM PARA A “*Experiência Superior*”, a autora reconhece a influência de “Georg von Hamann e da sua filosofia da linguagem na formação do jovem Walter Benjamin” (2021, p. 38) destaca “o modo como Benjamin integrou essa influência e como ela tomou novas configurações no seu pensamento”. Esclarece, também, no início do texto, que “é na linguagem, na experiência e na história que o jovem Benjamin firma, desde muito cedo, as bases do seu pensamento e da sua obra e estabelece com os seus autores um diálogo” que se faz presente nas discussões de suas produções.

Do mesmo modo, é pela linguagem que Dewey avançou nas suas discussões sobre processo educativo do indivíduo e como a teoria e prática possibilita o crescimento, novos engajamentos no processo de ser, de pensar e agir a partir da interação, da linguagem que se ajusta ao contexto e permite novos caminhos.

Assim, entendemos que no século XXI a “ponte de passagem” da linguagem humana transportou a avanços com suporte tecnológicos e tem avançado também com os estudos da psicologia, da biologia e da neurociência.

Atualmente, o uso da inteligência artificial (IA) como processo de linguagem, que colabora com o humano para realização de ações diversas, tem gerado inquietações. Pois, as alternativas, os caminhos traçados em torno dos algoritmos para gerar a linguagem computacional, no sentido de auxiliar o humano apresenta soluções e ao mesmo tempo muitos problemas, nos permitindo pensar o humano na sua dimensão existencial; bem como nas prioridades e na busca de resolver a doença do século: linguagem e seu uso através dos recursos disponíveis na internet.

Ademais, encontramos na linguagem a teoria-prática para as noções de hábitos tão bem tratado nos escritos deweyanos, quando ele assegura que “nossos hábitos individuais são elos na cadeia infinita da humanidade” (Dewey, 2000, p. 27).

Mais adiante, no mesmo livro Dewey afirma que os hábitos se modificam quando agimos

[...] sobre o meio ambiente, e não apenas sobre o coração dos homens. Pensar de outra forma é tanto quanto supor que flores podem ser cultivadas em um deserto ou automóveis podem ser pilotados em uma selva; o que é possível sem a necessidade de um milagre, desde que a selva e o deserto sejam previamente modificados (ibidem, 2000, p. 27).

Assim também é o processo da linguagem modifica-se com o tempo, a partir do ambiente em que o homem está inserido.

CONSIDERAÇÕES DERRADEIRAS

O presente texto apresentou aspectos que consideramos relevantes para refletir sobre a filosofia de John Dewey e sua linguagem. Como afirma, Passos (2020) “ao pensar a linguagem, como base para a condição humana; seu exercício: a ação do pensamento, do agir, do conduzir, torna-se indispensável essa categoria. E, é, a partir dessa premissa, essencial à discussão” que a produção se revela.

Além disto, em breves citações e argumentos o texto respondeu aos questionamentos de quem foi John Dewey; quais os elementos que o escrito priorizou e de que maneira pensar a linguagem no século XXI a partir de John Dewey, assegurando o diálogo sobre a linguagem com os aportes citados no corpo do texto.

Destacou que John Dewey (1859-1952) apresenta, através de seus escritos, que a linguagem é procedimento significativo para as ações, o pensamento e as experiências humanas. Portanto, não é possível pensarmos fora da linguagem.

Também, a linguagem, considerada por Ludwig Wittgenstein é um jogo que é jogado pelo ser humano nas diversas áreas.

E, no âmbito da linguagem em geral e humana, Walter Benjamin assegura que todas as manifestações da vida, vivida, refletida e atuada pelo ser humano podem ser apreendidas como uma forma de linguagem e pela linguagem.

Por fim, concluímos que John Dewey deixa claro que a compreensão do mundo emerge da experiência vivenciada através da linguagem, e, é pela linguagem que (de)mostramos a presença do nosso eu no mundo; é através dela que nos relacionamos; contrastamos; ligamos; confrontamos; associamos; comparamos; classificamos; cremos; pensamos; agimos e temos experiências significativas ou não.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*. Lisboa, Edições 70, 1987.
- BENJAMIN, Walter. *Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)*. Organização, apresentação e notas Jeanne Marie Gaguebin. Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Editora 34, 2013.
- BENJAMIN, Walter. *Linguagem, Tradução, Literatura (Filosofia, teoria e crítica)*. Tradução de João Barrento. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. Disponível em: . Acesso em: 24/08/2024.
- CANTINHO, Maria João. A LINGUAGEM COMO PONTE DE PASSAGEM PARA A “Experiência Superior”. Universidade Clássica de Lisboa. *Revista de Teoria da História*, v. 24, 2021.
- DEWEY, John. *Os Pensadores*. Editor: Victor Civita. São Paulo: Abril S.A. Textos selecionados. 1ª edição, 1974.
- DEWEY, John. *Os Pensadores*. Experiência e natureza: Lógica: a teoria da investigação; A arte como experiência: Vida e educação: Teoria da vida moral. Traduções de Murilo Otávio Rodrigues Paes Leme, Anísio Teixeira, Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- DEWEY, John. *Natureza Humana y Conducta: Introduction to Social Psychology*. Editora Fceconem, 2000.
- LEITE, Marcos Vinicius. A Estrutura da linguagem em Walter Benjamin. *Revista Ética e Filosofia Política*, nº 12, v. 1, abril de 2010.
- JÚNIOR, Gerson Francisco de Arruda. *10 Lições sobre Wittgenstein*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- PASSOS, Miriam Barreto de Almeida. LINGUAGEM E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO: processos interdisciplinares de semioses, retóricas e multirreferencialidade. *REVISTA ELITE - Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação e Libras*, ISSN:26755718, v. 4, n. 4, 2020.
- SOUZA, Rodrigo Augusto de. A Concepção de Linguagem em John Dewey. *Revista Eletrônica*

de Filosofia – Philosophy Eletronic Journal. Vol. 13, nº1, janeiro-junho, 2016, p.14-24.

TUGENDHAT, Ernst. *Lições Introdutórias à Filosofia Analítica da Linguagem*. Tradução de Ronai Rocha e Ernildo Stein. Editora Unijui, 2007.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2019.